Centro de Documentação TL 3559

Human Development"
Newsletter nº 22 - Jul/Ago 1983

Entrevista com um civil
Timor-Leste, Maio 1982

"Nas pequenas cidades a situação é calma mas tal não acontece no campo. Ao longo das estradas, mesmo nas áreas mais isoladas, podem ver-se pessoas forçadas a manter-se em trincheiras. Até homens velhos, esfomeados e doentes, estão envolvidos. Têm de construir abrigos temporários e trazer comida e roupas das suas próprias casas, que frequentemente são muito distantes. Têm de fazer vigilâncias de uma semana, 24 horas por dia. É suficiente darem sinal de alarme se membros da FRETILIN forem avistados. Na realidade se a FRETILIN passar por um destes postos de guarda, nada têm que recear pois eles sabem que estas guardas os consideram seus amigos.

É difícil dizer quantas pessoas fazem parte das forças de resistência, mas pelas cartas que enviam eles ainda possuem forte espírito de resistência. Ocasionalmente a FRETILIN ataca em grande número. Em Março de 1982, entre Namoiuto e Lacluta, a FRETILIN atacou com um número calculado em 200 indivíduos, incluindo algumas mulheres.

Em Suai, nos fins de Junho, deu-se um ataque da FRETILIN ao Rio Nota Tafara e de todo o batalhão indonésio apenas um comandante voltou para casa. Quando atravessei esta zona algumas semanas depois, disseram-me que tinha para trás e ir para Atabae.

Ocasionalmente aparecem cartas e declarações feitas pelos resistentes pedindo ao povo que se mantenha unido, mas a dificuldade reside no facto de os serviços secretos indonésios estão em toda a parte. As pessoas são presas, interrogadas e mesmo torturadas.

Falei com indivíduos que foram libertados. Disseram-me que os militares praticam vários tipos de tortura inclusive choques eléctricos, o arrancar de unhas, suspensão pelas mãos, pelos pés e mãos muitas vezes debaixo das pernas de mesas enquanto que outros saltam em cima delas. Tudo isto aconteceu a pessoas que conheci de 1978 a 1982. Não tenho a certeza de que ainda continuem a ser praticadas, mas o que sei é que os que estão detidos em prisões políticas são de certeza sujeitos a tais tratamentos.

Ataúro ainda é uma prisão política e um amigo meu, que recentemente aí se deslocou em visita oficial, disse-me que as condições eram péssimas. Os militares tentam convencê-los de que é melhor para eles viver nesta ilha isolada do que regressar às suas aldeias natais. No período de doutrinação de dirigentes tradicionais timorenses, pelas de Whitlam ter deixado timor-leste, foi-lhes comunicado que o objectivo do Governo era eliminar completamente a FRETILIN. Entre outras coisas os indonésios transferiram todos os parentes de membros da FRETILIN ainda residentes nas aldeias, para a ilha de Ataúro. Nos meses de Abril, Junho e Julho de 1982 - a torrente humana - pessoas idosas, mulheres e crianças, continuou. Foram levados para

Laga em camião e daqui para Atauro de barco. Também existem prisão em Atabai e Silen.

Os padres são quase todos detestados pelos indonésios. Segundo os indonésios eles recusam-se a cooperar no novo desenvolvimento da nação. Eles não querem olhar para o futuro - apenas para o passado. Mas, segundo os timorenses, tal situação deve-se ao facto de os padres pretenderem manter-se fiéis ao povo.

O povo não tem uma oportunidade real de decidir por ele próprio e os religiosos querem caminhar ao lado do povo. Enquanto o povo não tiver a oportunidade de escolher livremente e responsavelmente, não aceitará a integração, porque ela não corresponde à vontade popular. Os chefes da Igreja crêem que o povo deve unir-se de novo e deve ter a oportunidade de fazer ouvir a sua opinião.